

Vendedor dos computadores sofre pressão do Itamarati

Roberto Garcia
Correspondente

WASHINGTON — Elton de Paula, dono da empresa City Services, de Nova Iorque, está sofrendo forte pressão de diplomatas brasileiros do consulado na cidade para não dizer o que sabe a respeito da entrega de computadores a membros da comitiva do presidente José Sarney, que deixou os Estados Unidos no meio da semana. "Deram uma prensa forte nele. O Elton está com medo de que sua empresa feche", disse uma amiga do comerciante.

Segundo vários funcionários de repartições do Itamarati em Nova Iorque, membros da comitiva de Sarney fizeram o que todos os membros de comitivas oficiais fazem no exterior: compraram equipamento sofisticado ao qual não têm acesso no Brasil, certos de que sua entrada no país seria facilitada. "No tempo do Figueiredo, foi um avião cheio de videocassetes. Desta vez foram computadores e toca-discos de laser. Nada mudou", disse um funcionário do consulado do Brasil.

Esses funcionários falaram ao JORNAL DO BRASIL com a condição de que seus nomes não fossem revelados. "Digo o que sei mas, se publicarem meu nome, vou perder o emprego", disse um deles. Afirmaram eles que, durante a visita, alguns colegas foram temporariamente destacados para prestar serviços à comitiva.

A empresa City Services, situada no número 125 West da Rua 45, no centro de Nova Iorque, abriu suas portas há cerca de quatro meses para ter lucros principalmente com turistas brasileiros. Essa não é a única empresa do ramo; visto que, ao longo das Ruas 45 e 46, entre a Quinta e a Sexta Avenida, há dezenas de firmas que fazem a mesma coisa. Em geral elas têm estoque pequeno, mas grande quantidade de catálogos, o que diminui o custo de seus serviços. Sua especialidade é encontrar produtos eletrônicos sofisticados, comprá-los com desconto e passar esse desconto a clientes, com margem pequena de lucros. Algumas dessas firmas simplesmente entregam os produtos aos clientes em Nova Iorque. Outras se encarregam de entregá-los no Brasil, sem qualquer problema alfandegário.

Segundo seus amigos, Elton de Paula nunca pensou que ficaria famoso em tão pouco tempo. De repente, nas instalações modestas de sua firma, o telefone não pára de tocar, os fotógrafos de grandes jornais e revistas brasileiros rondam todo o tempo e as perguntas são incessantes. "Vocês estão transformando nossa vida num inferno. Estão assustando nossos clientes.

Nós também precisamos viver", diz Regina, uma funcionária da firma.

A súbita notoriedade de Elton resulta do que seus amigos classificam de "falta de sorte". O comerciante foi entregar alguns computadores encomendados pela comitiva do presidente, na terça-feira, e entrou pela porta da frente do Hotel Intercontinental. Quando já estava perto do elevador, foi visto por alguns repórteres brasileiros, um dos quais o conhecia. "Para quem é isso, Elton", veio a primeira pergunta. Achando que não estava fazendo nada de anormal, o comerciante limitou-se a responder que era para a comitiva, na sala 1426. Nessa sala ficava o centro de coordenação da visita presidencial. Entre as caixas que Elton levava num carrinho estava um computador portátil Toshiba 1100, que ele disse estar vendendo por cerca de 1200 dólares. Quando o grupo de repórteres fazendo perguntas à sua volta aumentou, o comerciante começou a demonstrar desconforto, pediu licença e caminhou para os elevadores com sua carga.

Alguns membros da comitiva comentavam com ar de galhofa a fúria com que alguns de seus colegas se entregavam às compras. Parlamentares que foram convidados para fazer a viagem com Sarney, mas não participaram dos encontros do presidente com líderes estrangeiros, tiveram sua agenda mais livre para fazer compras eles próprios. Mas os membros mais importantes da comitiva, tanto civis quanto militares, encarregaram os funcionários das repartições brasileiras em Nova Iorque para comprar encomendas, entre elas computadores.

Embora todos esses funcionários estejam sob ordem de estrito silêncio a respeito das compras, alguns não escondem sua indignação diante das tarefas que tiveram de desempenhar durante a visita. "Eu não esperava nada do grupo que veio com Figueiredo. Mas, francamente, achei que iria ver um comportamento diferente do atual governo. Foi o mesmo festival", disse uma funcionária da missão do Brasil na ONU.

Convidado a comentar essas informações, o conselheiro César Augusto Gonçalves, que está respondendo pelo consulado, designou o conselheiro Sérgio Tapajós para responder. "Não sabíamos nada a respeito dessa história de contrabando de computadores. Foi a primeira vez que ouvimos falar disso. Não é verdade que convocamos qualquer vendedor de computadores para pressioná-lo. Nem ele apareceu aqui voluntariamente. Isso não passa de uma fantasia", afirmou Tapajós.